



Na vez de Igor Thiago, a espera de Endrick

MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
Enviados especiais

Mauro Pimentel/AFP



Endrick em treino da Seleção no Columbia Park, em Nova Jersey: brasileiro na fila, atrás do conterrâneo, para estreiar na Copa do Mundo

Nova Jersey — Quando a Seleção Brasileira precisou de um herói na estreia de Dorival Júnior, em Wembley, Endrick apareceu e garantiu a vitória por 1 x 0 sobre a Inglaterra. Dias depois, mostrou personalidade para marcar no empate por 3 x 3 com a Espanha, no Santiago Bernabéu. O garoto de 19 anos, nascido em Taguatinga e criado em Valparaíso de Goiás, voltou a ser decisivo contra o México e, recentemente, evitou a derrota para o Egito no último amistoso antes da Copa do Mundo. Nada disso, porém, foi suficiente para convencer Carlo Ancelotti a utilizá-lo sequer por um minuto no empate por 1 x 1 com Marrocos, na estreia do Grupo C. O roteiro foi bem diferente para o conterrâneo Igor Thiago. Também estreante em Copas, o atacante registrado no Gama e com raízes na Cidade Ocidental começou jogando, teve oportunidades para marcar e permaneceu em campo por 62 minutos. Endrick assistiu a tudo do banco.

A escolha de Ancelotti por Igor Thiago como titular causou surpresa. Os testes realizados nos dias anteriores apontavam Matheus Cunha como favorito para formar o trio ofensivo ao lado de Vinicius Junior e Raphinha. Caiu nos pés do brasileiro a oportunidade. Ele não a agarrou. Teve duas chances claras para colocar o Brasil em vantagem e dar mais tranquilidade à estreia. Na primeira, perdeu o timing da cabeçada, após cruzamento de Vinicius. Na segunda, no retorno do intervalo, finalizou para defesa de Bono.

Pouco para quem desembarcou nos Estados Unidos creditado por uma temporada de elite: 22 gols e o posto de vice-artilheiro da Premier League, atrás apenas de Erling Haaland. Igor atribuiu a falta de pontaria à tensão da estreia no estádio, diante de mais de 80 mil espectadores e de mais de 200 milhões de brasileiros atentos às telas. “Posso dizer que sim (a ansiedade atrapalhou), porque a maioria aqui está na primeira Copa. Os mais velhos têm nos abraçado e nos colocado

na direção certa. No final, tudo vai dar certo”, minimizou.

Ancelotti apostou em uma ruptura para a estreia. Abriu mão do 4-4-2 utilizado nos compromissos anteriores e lançou um 4-3-3 com quatro jogadores disputando uma Copa do Mundo pela primeira vez — Gabriel Magalhães, Douglas Santos, Ibañez e Igor Thiago. A informação é de que a mudança foi anunciada aos jogadores horas antes da partida. Resultado: o Brasil passou boa parte do primeiro tempo desorganizado, vulnerável pelos lados do campo e incapaz de controlar as ações diante de Marrocos. O treinador corrigiu parte dos problemas no intervalo, mas demorou a promover novas mudanças e deixou passar a oportunidade de recorrer a Endrick, justamente um dos jogadores mais decisivos da equipe nos amistosos preparatórios.

Nitidamente incomodado com o empate, o italiano foi questionado

na entrevista coletiva sobre a ausência do atacante de 19 anos. Preferiu não individualizar a análise e evitou explicar por que deixou o brasileiro durante os 90 minutos no banco de reservas. “Não estou aqui para falar individualmente de um jogador, falo da equipe. A equipe no primeiro tempo não jogou bem, no segundo tempo foi melhor. Tivemos algumas oportunidades. Temos que acertar mais”, esquivou-se.

Crítérios

Há quem defenda que Copa do Mundo é para jogadores em melhor fase e para aqueles capazes de aproveitar uma única oportunidade. Se esses fossem os únicos

122 MINUTOS

Tempo de jogo necessário para Endrick marcar um gol pela Seleção

critérios de Ancelotti, Endrick poderia até sonhar com a titularidade. Aos 19 anos, o brasileiro soma quatro gols e duas assistências pela Seleção Brasileira. Mais do que isso: o Brasil jamais foi derrotado quando ele participou diretamente de um gol. A discussão não passa necessariamente por escolher entre um ou outro. As características dos dois atacantes são complementares.

Mais móvel, Endrick costuma recuar para participar da construção das jogadas e atacar espaços deixados pela defesa adversária. Igor Thiago atua mais próximo da área e oferece presença física. Não por acaso, a dupla funcionou contra a Croácia: Endrick sofreu o

pênalti convertido por Igor Thiago. Diante do Panamá, os dois também dividiram o ataque, em um dos melhores momentos ofensivos da Seleção neste ciclo.

Os números ajudam a explicar a inquietação provocada pela ausência de Endrick. Levantamento do Super Score mostra que, entre os convocados para a Copa do Mundo com pelo menos 10 partidas pela Amarelinha, ninguém precisa de menos tempo para balançar as redes. Endrick marca um gol a cada 122 minutos em campo. Neymar aparece logo atrás, com média de 135 minutos por gol. Raphinha necessita de 245; Lucas Paquetá, de 277; Vinicius Júnior, de 359.

A atuação contra Marrocos dificilmente passará ileso pela prancheta de Ancelotti. O treinador tem cinco dias para corrigir rumos e promover ajustes antes do duelo contra o Haiti, na sexta-feira, às 21h30, na Filadélfia.

Mauro Pimentel/AFP



O Mister observa o jogo contra Marrocos: cinco dias para ajustar o time

O campo pede mudanças

Nova Jersey — O Brasil sonha há 24 anos com o hexa, mas o projeto foi retomado, acompanhado de outro número seis. O empate por 1 x 1 contra Marrocos na estreia da Copa do Mundo na América do Norte ampliou para seis jogos a sequência da Seleção sofrendo gols. A marca pesa para um grupo comandado por um treinador moldado na tradição defensiva italiana.

A última vez que a defesa brasileira atravessou uma partida sem ser vazada foi na vitória por 2 x 0 sobre Senegal. Desde então, o bloqueio verde-amarelo foi rompido por Tunísia, França, Croácia, Egito, Marrocos e até pelo modesto Panamá. Em 13 partidas sob o comando de Carlo Ancelotti, a Seleção sofreu 12 gols em oito jogos.

Ancelotti terá cinco dias para encontrar respostas antes do duelo contra o Haiti, o segundo compromisso brasileiro nesta Copa do Mundo. Embora Marquinhos e Gabriel Magalhães tenham sofrido o primeiro gol juntos na era do treinador italiano, a dupla dificilmente será desfeita. As maiores dúvidas estão nas laterais. Ibañez deve perder espaço para Danilo, pela direita, mudança que não estava nos planos da comissão técnica antes

Eu tenho que aproveitar o elenco, e não fixá-lo. Falei que a escalação inicial não era a que termina o jogo. Pode mudar, dependendo das características da equipe rival”

Carlo Ancelotti, técnico da Seleção

da lesão de Wesley, considerado titular absoluto. No lado esquerdo, a disputa permanece aberta entre Douglas Santos e Alex Sandro.

A questão, para Ancelotti, é saber se o problema será corrigido no campo das ideias ou em peças. Pelas palavras do treinador, as mudanças não estão descartadas. O italiano jamais escondeu a preferência por um elenco competitivo e

sem titulares intocáveis. Depois da estreia abaixo do esperado, deixou claro que a escalação para enfrentar o Haiti pode ser diferente. “Eu tenho que aproveitar o elenco, e não fixá-lo. Falei ontem (sexta-feira) que a escalação inicial não era a que termina o jogo. Pode mudar, dependendo das características da equipe rival”, comentou.

Ontem, jogadores que iniciaram a partida contra Marrocos fizeram treino regenerativo no período matutino, enquanto os demais trabalharam na academia. Hoje, o elenco retoma os treinamentos táticos e técnicos, às 16h. É uma semana decisiva. Em fase final de recuperação de lesão na panturrilha, Neymar pode ser reintegrado aos treinos e calçar as chuteiras pela primeira vez. Desde a apresentação na Granja Comary, tem foco nos exercícios fisioterapêuticos.

“Neymar está trabalhando muito forte para se recuperar o mais rápido possível. A expectativa é que ele se recupere e se integre ao grupo. Nós o convocamos não só pela qualidade técnica, que é indiscutível, mas também pela experiência e pelo exemplo que ele pode representar para os jovens que temos nesse grupo”, destacou Ancelotti. (MPL e VP)

DRIBLÉ DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

A moeda Yamal na Times Square

Perambulando por Nova York com meu tênis de andarilho, como diz a canção clássica do Frank Sinatra sobre a cidade que nunca dorme, fixo os meus olhos na poluição visual da Times Square em busca do rostinho bonito da Copa do Mundo em tempos de troca de guarda. Cristiano Ronaldo, Lionel Messi, Neymar, Luka Modric, Manuel Neuer e outros figurões estão saindo de cena. Kylian Mbappé anda em baixa. Vinicius Junior? Haaland? Kane? Não! As telas dão protagonismo a Lamine Yamal no metro quadrado publicitário mais cobiçado do planeta.

Craque, negro, jovem de 18 anos, midiático. O perfil cobiçado pela Geração Z. O espanhol do Barcelona é o garoto-propaganda perfeito para curtidas, compartilhamentos e conversas nas redes sociais. Sinônimo do “Abra-te, Sésamo” do nosso tempo: engajamento.

Um anúncio nos espaços mais baratos da Times Square custa de R\$ 253 mil a R\$ 2,5 milhões por dia. A imagem de candidatos a ícones, como Lamine Yamal, vale muito mais. O potencial de crescimento dele é inestimável. Os acordos comerciais envolvendo o astro são estimados em R\$ 266,3 milhões de euros na transição da adolescência para a juventude.

Lamine Yamal representa a Adidas na Copa em que Lionel Messi sairá de cena. A grife alemã tirou o jovem da estadunidense Nike. A American Eagle assinou contrato de cinco anos com o astro da conquista da Espanha na Euro-2024. Marcas como Beats by Dre, Powerade, Oppo e Konami pegam carona com o jogador um ano mais novo do que nossa maior promessa: o brasileiro Endrick, outro ativo publicitário em expansão. Não a ponto (ainda) de monopolizar os olhos na Times Square.

Conversei com um amigo do marketing sobre o meu testemunho do poder midiático de Yamal em Nova York e ouvi a seguinte justificativa técnica: o camisa 19 da Espanha, coincidentemente o mesmo número de Messi na estreia do argentino no torneio em 2006, agrega atributos como o uso da linguagem da Geração Z, história pessoal com a qual a maioria dos jovens se identifica e a sensação, a quem o contrata, de que está investindo no nascimento de um superastro. As marcas não enxergam nele o melhor jogador jovem do mundo, mas o próximo ícone global do esporte mais popular do planeta.

A lógica no competitivo mercado da Times Square é clara: as marcas não desembolsam um dinheirão por quem é o cara do momento, mas na crença de quem ele será amanhã. Lamine Yamal simboliza a nova ordem midiática no futebol. E ainda não atingiu o teto...

Enquanto eu procurava por torcedores do Brasil e do Marrocos pela Times Square, Lamine Yamal surgiu grandão pelo menos duas vezes — ao mesmo tempo — em três telas gigantes da badalada praça de Nova York, sendo o rostinho de três produtos diferentes na Copa. A Espanha estreia hoje contra o estrepante Cabo Verde, às 13h (de Brasília), sem o xodó. Yamal se recupera de contusão e aprimora a força física para a primeira vez na Copa do Mundo.